

2 — «O Render dos Heróis» pelo Teatro Moderno de Lisboa

O Teatro Moderno de Lisboa escolheu para segundo espectáculo do seu renascimento a peça «O Render dos Heróis» de José Cardoso Pires.

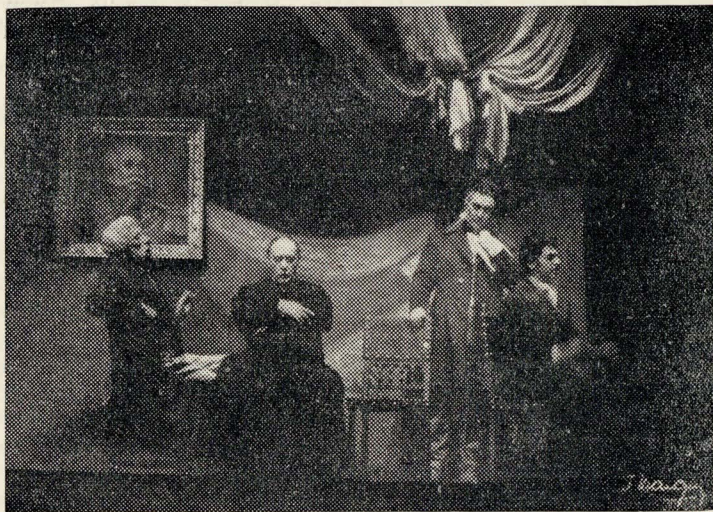
Peça de difícil encenação e com imensos problemas técnicos, constituiu um espectáculo admirável.

O encenador foi Fernando Gusmão, que montou a representação em obediên-

cia a um princípio fundamental: simplicidade. Julgamos ser este um caminho verdadeiramente certo, e do qual, os nossos artistas se não deviam esquecer; a arte tem que se virar para o povo, tem que ser aberta, simples, e provocar a sua aderência.

Para conseguir um espectáculo simples, Gusmão serviu-se de cortinas e apontamentos de cenários e ciclorama com luz forte (digamos que nos pareceu, por vezes, excessiva), onde se recortavam figuras construídas pelos actores (tipo estátuas evocativas), notáveis pela sua violência simbolista.

Simultaneamente, foi imposto aos actores um ritmo de representação verdadeiramente vertiginoso, o que resultou num espectáculo vivo e alegre — a aderência do público e as gargalhadas não se fizeram esperar. Houve óptimos apontamentos de encenação, como sejam o quadro «Goyesco» onde se fuzila a gente do povo, o momento



Uma cena de
«O RENDER DOS
HERÓIS»

do discurso do Cavalheiro Stanley ao desafio com o cantar dum pássaro, a queda do retrato quando é pronunciado o nome de Costa Cabral, e a posição das comadres e do cego, que nos surgem, por vezes, como autênticos «compêres» de revista.

O fim do espectáculo, a apoteose final, é-nos apresentada com características de revista: os actores desfilam ao ritmo dum som musical popular, meio marcha, meio canção-de-embalar, com cartazes que provocam a hilariedade da assistência. Risos que ridicularizam o que os actores significam naquele momento. A marcha, a festa dos grandes, é interrompida, por vezes, por vagidos infantis que provocam o tenor nos bons senhores. Mas os vagidos são poucos, extinguem-se, a marcha continua, os grandes senhores continuam a rir e a dançar até que outro vagido os torna grotescos pelo medo que sentem. Aviso dum futuro? Ridicularizar ainda mais as grandes forças? Seja qual for a interpretação do choro infantil, apesar de estarmos

mais de acordo com a hipótese de aviso sério «quanto aos que hão-de vir», tudo é positivo e progressista.

A música foi de Carlos Paredes; depois de música para cinema, onde conquistou um triunfo famoso com o fundo musical de «Os Verdes anos», Carlos Paredes começou no teatro. Julgamos interessante a sua primeira experiência; essa música, leve, alegre, popular, não era realmente o que o dramaturgo, encenador e actores queriam dizer? Cremos que sim, e julgamos a colaboração de Carlos Paredes um factor importantíssimo no triunfo conquistado pelo Teatro Moderno de Lisboa.

Como parte interpretativa, apareceu-nos no palco uma óptima equipa, funcionando com uma coesão notável. Consideramos unicamente infeliz a escolha de Rui Mendes para o papel do bacharel Alexandre; apesar de boa presença no palco, não julgamos a sua voz no timbre adequado para essa personagem. Consideramos justo realçar o trabalho de Rui de Carvalho, no Cego. Personagem difícil, dados os cambiantes que encerra — reflexo duma consciência, melhor «pseudo-consciência popular», grotesca pelas suas negações implícitas e pelo sentido de acomodação a que se sente periódicamente obrigada; por vezes, admirável e lúcido revolucionário, bruscamente um espantinho observador ou um pedinte subserviente, livre ou limitado, consciente pela fome ou inconsciente pelo medo, este «cego» foi *demonstrado* por Rui de Carvalho através duma movimentação e duma voz esmagadoras, que arrebataram o público, que fizeram com que este público se sentisse, se risse, e, vamos lá! que raciocinasse. admirável!...

Cenários e figurinos de Octávio Clérigo bem executados auxiliaram, grandemente para o excepcional brilho deste espectáculo.

O Teatro Moderno de Lisboa explicou ao povo Português, no que consistem o poder de comunicação e de luta da arte teatral. Creio ser o melhor agradecimento que a Cultura Portuguesa pode dirigir a quem constituiu este admirável quadro desmistificador.